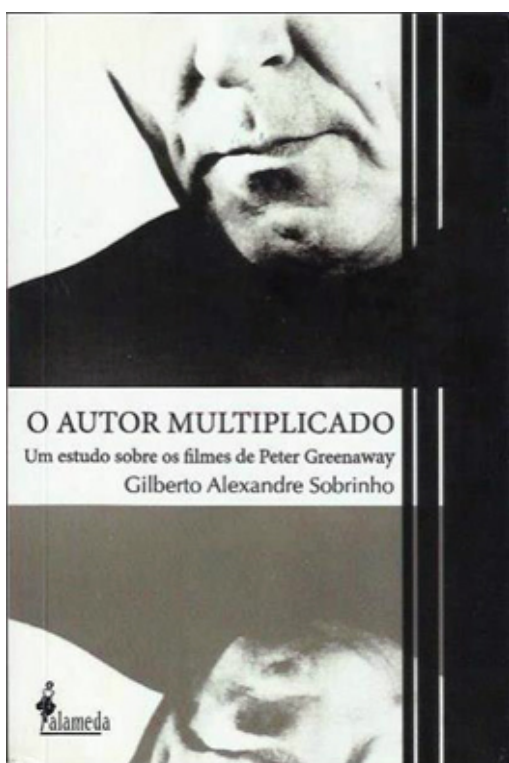


Sobre Sobrinho, Gilberto Alexandre. *O autor multiplicado: um estudo sobre os filmes de Peter Greenaway*. São Paulo: Alameda, 2012, 322 pp., ISBN 978-85-7939-190-3.

por Wilton Garcia*



Inevitavelmente, são várias as possibilidades de pesquisas a respeito do trabalho do cineasta inglês Peter Greenaway, a investigar como seus filmes integram uma sensibilidade artística contemporânea. Para o diretor, “todo escritor recria ou fabula a própria vida” (p. 93). Sua elaboração da/na cena cinematográfica pontua elementos interligados, de maneira contingencial, na passagem contundente da expressão fílmica em uma pintura viva, cujo movimento compreende o deslocamento espaço-temporal.

A pluralidade do discurso audiovisual, aqui, está além de uma simples anotação estético-tecnológica, enquanto exploração dinâmica entre objetos, contextos e/ou personagens. A profusão de paródias, a forma labiríntica de compor a narrativa cinematográfica, a versatilidade percepto-cognitiva e o envolvimento do público diversificam-se ao longo de cada enredo desenvolvido por seus filmes. Tudo parece um enorme devaneio na lógica desse cineasta inglês. Isto é, suas proposições vislumbram a extensão de derivativas representacional – em diferentes estratégias discursivas – numa tratativa pautada por atualização e/ou inovação.

Sem dúvida, as provocações de Greenaway surpreendem o(a) espectador(a), que pode saborear – a seu modo – essa capacidade inventiva de filmes que despertam emoção e criatividade. Olhar para a obra greenawayana, portanto, requer considerar a abrangência de desafios intrigantes propostos pela articulação multifacetada do artista visual e cineasta.

Por isso, penso que seria quase impossível para um(a) pesquisador(a) – em sua produção de conhecimento crítico-conceitual – penetrar facilmente nas armadilhas enunciativas de Peter Greenaway. Se, por um lado, o fascínio greenawayano pelo jogo instiga compor determinado agrupamento narrativo no cinema, por outro, a obsessão organizacional – de ordem numérica e/ou alfabética – dos roteiros cria ritmos alucinantes ao enredo. Por isso, tentar pesquisar esse tipo de objeto é solicitar uma capacidade inventiva de se correlacionar à artimanha greenawayana com variáveis impactantes, as quais implementam desdobramentos fílmicos.

Notadamente, o livro *O autor multiplicado: um estudo sobre os filmes de Peter Greenaway*, do professor e cineasta Gilberto Alexandre Sobrinho, é fruto de sua tese de doutorado, defendida, em 2004, no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-Unicamp), sob a orientação do Prof. Dr. Ivan Santo Barbosa. Inclusive, na ocasião, tive a oportunidade de participar da Banca de Defesa. Vale ainda apontar que esta pesquisa teve um período sanduíche na University of London, com Laura Mulvey.

Professor do Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação do IA-Unicamp, Gilberto tem graduação e mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp. No campo do audiovisual (cinema, televisão e vídeo), o autor procura investigar a questão da autoria e do experimentalismo, investindo em teoria e prática como pesquisador e realizador. Esse exercitar da escrita que se desdobra na feitura ajuda a estudar imagem e som.

No referido livro, o autor oferece uma maneira de considerar como Peter Greenaway elabora sua expressão (forma-pensamento) estético-tecnológica, a partir de certo conjunto de filmes selecionados previamente. Para tanto, a expectativa é (de)marcar fases singulares e diferenciadas que possam iluminar, de alguma forma, a assinatura greenawayana.

Esse escopo, conseqüentemente, configura uma abordagem de análise fílmica que tenta apontar para determinadas camadas de significação, na lógica interpretativa de uma potencial produção de sentido. Embora se deva destacar que isto seria apenas uma possibilidade de leitura, entre outras tantas possíveis. Um olhar a ser confirmado, desdobrado, refutado etc.

Indiscutivelmente, verifica-se o ponto forte da intertextualidade na obra deste cineasta inglês, como característica fundamental para alinhar diversos eixos temáticos recorrentes. Nesse panorama intertextual, a noção de interdisciplinaridade também se faz presente, ao elencar a multiplicidade de passagens que se transversalizam. Tal característica do estilo de Peter Greenaway traduz uma tônica muito própria, ou seja, o destaque de uma perspectiva singular. “Greenaway realiza um mergulho em si mesmo: o autor torna-se Narciso” (p. 89).

Conforme enunciado na introdução do livro, houve a divisão em quatro capítulos. O capítulo 1 – “Peter Greenaway e o cinema experimental” – aponta para a formação do cineasta atrelada ao contexto histórico e político dos anos 1960 e 1970 na Inglaterra. Assim, enfatiza alguns elementos biográficos. Isso indica uma atenção maior à Art Pop Britânica e ao cinema experimental. O que inclui o período de documentarista junto às primeiras experimentações estéticas do artista. “[...] Em seu conjunto e por meio da observação particular de cada filme, a importância dessas obras para o primeiro momento de criação se dá principalmente pelo estabelecimento de procedimentos de construção de narrativa, discursiva e plástica que se firmam decisivamente a partir de

Windows e foram explorados de formas distintas nos outros filmes, bem como continuam a operar em sua carreira” (p. 90).

Já o capítulo 2 – “Os longas-metragens de ficção dos anos 1980/1990” – obtém um maior fôlego do autor. Logo, esta parte pode ser vista/lida como eixo principal da obra. Nela, configura-se uma passagem dos exercícios cinematográficos em sua plena experimentação estético-tecnológica a uma produção comercial, que visa atender aos fatores mercadológicos do circuito de produção, distribuição e exibição em salas de cinema de arte, na Europa e em outros lugares como o Brasil. Isso, inclusive, influencia a necessidade de adequar o formato de duração das narrativas, calculado aproximadamente em duas horas. Diante de tais inscrições, Gilberto afirma: “como as articulações temporais estão diretamente atreladas às coordenadas espaciais, a retomada do conceito de encenação facilita nosso percurso em busca do sentido do tempo no filme” (p. 203). Isso equivale abordar a tônica da sobreposição espaço-tempo bastante recorrente na obra deste cineasta.

O terceiro capítulo – “Dos documentários institucionais à televisão britânica” – é um pouco mais curto, embora tenha relevância para se acompanhar a entrada do artista plástico que se transforma em cineasta e depois passa a realizar uma produção audiovisual – razoavelmente insólita e bizarra – para a televisão. Neste capítulo, assim, o autor mostra o processo de cooptação do mercado audiovisual britânico – no Central Office of Information (COI) e, posteriormente, no Channel 4 – sobre a radicalidade estético-tecnológica do artista. Em um primeiro instante, Greenaway atuou como montador e depois passou a diretor de filmes documentários, os quais demonstravam sua maneira diferente de pensar a respeito da imagem em movimento. “O período em que trabalhou na montagem de documentários e depois na direção dos mesmos foi decisivo para a aprendizagem do cinema como linguagem” (p. 229). Tal experiência emblemática teve a música como forte elo a proporcionar escrituras criativas nesses diversos formatos audiovisuais, em consonância com o cinema, é claro.

Por último, o capítulo 4 – “Cinema e novas mídias: modos expandidos de construções narrativas” – apresenta uma leitura sobre o filme *A última tempestade* (*Prospero's book*, 1991) e o projeto multimídia *Tulse Luper Suitcase*, além da entrevista realizada em Edimburgo, na Escócia, em 18 de agosto de 2003. Este grupo de informações privilegia, pontualmente, as novas mídias e o amadurecimento do cineasta como artista multimídia e curador de exposições, óperas etc. Aqui, a ideia da narrativa clássica é bastante questionada pelo pensamento hermético e paródico de um sujeito inquietante e provocador que empolga plateias no mundo das artes e do cinema, em busca de “novas/outras” possibilidades acerca dos estatutos da representação cinemática. Tais questionamentos equacionam-se, estrategicamente, como desafios destrinchados por recursos estéticos e tecnológicos. Mais que isso, seria uma forma de contribuição acerca da cultura digital. Para Sobrinho, “ao assumir as tecnologias digitais de produção e de divulgação da informação como dispositivos centrais capazes de promover interfaces variadas e interconectar mídias de naturezas distintas, Greenaway buscou reinventar o cinema” (p. 287).

Em síntese, o que se observa na escrita de Gilberto Alexandre Sobrinho ajuda a compor o percurso investigativo dessa produção de conhecimento. Para tanto, o autor realiza uma revisão bibliográfica e cinematográfica, cujas resultantes acentuam um ponto de vista fundamental aos estudos de cinema sobre Peter Greenaway no Brasil atualmente.

* Wilton Garcia é artista visual e doutor em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), com pós-doutorado em Mídias pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-Unicamp). Professor da Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba (Fatec-Itaquá/SP) e do Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). Autor de *#consumo_tecnológico* (2015), entre outros. E-mail: wgarcia@usp.br